

DISCURSOS DE ÓDIO NA ESCOLA: UMA BARREIRA INVISÍVEL AO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Anderson dos Santos Wanderley¹

¹ Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos (PB),
Brasil; wanderleysanderson@gmail.com

Resumo: O objetivo desse artigo compreender os impactos do ódio no ambiente escolar, visando uma prática educativa transformadora, inclusiva e capaz de enfrentar a violência e discriminação, promovendo um espaço escolar seguro e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e uma análise crítica das bibliografias estudadas. Como resultado o ódio gera exclusão, medo e insegurança, afetando concentração, desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes. É necessário compreender raízes do ódio com apoio psicológico, educação emocional e mediação de conflitos. Conclui que enfrentar o ódio exige uma educação complexa, contextualizada e coletiva, visando sociedade mais ética, democrática e inclusiva.

Palavras chave: VIOLÊNCIA ESCOLAR, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, EDUCAÇÃO INCLUSIVA, FORMAÇÃO DOCENTE

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar é um local de aprendizado e formação social, contudo, este vem sofrendo constantemente com discursos de ódio, e não apenas a escola, mas a sociedade como um todo, seja sob a forma de bullying, cyberbullying, discriminação racial, LGBTfobia, xenofobia ou mesmo na deslegitimação da autoridade docente, o ódio se insere no cotidiano da escola.

Para lidar com esse ódio, faz-se necessário compreendê-lo em sua raiz. Surgindo como um sentimento proveniente da raiva, o ódio consolida-se como um sentimento durável, alimentado por narrativas, memórias e contextos sociais. Segundo Damásio (2000, p. 12), os sentimentos nos permitem “[...] sentir os

estados do corpo, que estão inerentemente destinados a ser dolorosos ou aprazíveis, não haveria sofrimento ou felicidade, desejo ou misericórdia, tragédia ou glória na condição humana”. Associado a um contexto histórico marcado pela desumanização de grupos minoritários e marginalizados.

Compreender o discurso de ódio é necessário para podermos compreender como este está tão entranhado na sociedade brasileira, a tal ponto visível na política, na escola, na história e na sociedade como um todo. Compreendê-lo é o primeiro passo para que se possa pensar em alternativas de como desconstruí-lo em sua base

O discurso de ódio no ambiente escolar gera medo, exclusão e insegurança e afeta diretamente a capacidade dos estudantes de se concentrarem, se expressarem e se desenvolverem cognitivamente e emocionalmente. Além de prejudicar a plena atuação dos profissionais da educação, que por muitas vezes se veem despreparados para lidar com essas situações.

Mediante o supracitado, surge o seguinte questionamento: Como o ódio, manifestado no ambiente escolar, atua como obstáculo ao processo educativo e de que formas a escola pode se transformar para enfrentar e desconstruir esses discursos?

O escopo desse artigo é compreender os impactos do ódio no ambiente escolar, visando uma prática educativa transformadora, inclusiva e capaz de enfrentar a violência e discriminação, promovendo um espaço escolar seguro e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de levantamento e análise crítica da produção acadêmica sobre os temas ódio, raiva, discursos de ódio e suas manifestações no ambiente escolar. O percurso metodológico compreendeu três etapas: (1) seleção de obras e artigos científicos publicados nas áreas da psicologia, neurociência, psicanálise e educação. (2) leitura interpretativa e fichamento dos textos selecionados, com vistas a identificar as bases fisiológicas, psicológicas e

socioculturais do ódio e da raiva; e (3) análise crítica dos dados obtidos, articulando-os à realidade educacional brasileira e aos desafios enfrentados por professores e estudantes no cotidiano escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

FISIOLOGIA DA RAIVA E ÓDIO

As emoções são também uma ação biológica onde hormônios agem sobre o corpo do indivíduo, induzindo sinapses, liberando hormônios e causando reações físicas, dentre elas faciais, dando a essa emoção grande influência na forma de agir do indivíduo. A raiva é o afeto de origem tanto emocional quanto química e a partir dela surgem diversos sentimentos que são mais duradouros que os afetos dentre esses o ódio nasce da mesma raiz com o sentimento ódio nascendo do afeto raiva, ao compreendermos que esta pode surgir pelas razões mais simples “Se sofremos ou esperamos sofrer alguma agressão intencional de uma pessoa, ou se essa pessoa de alguma maneira nos ofende, passamos a não gostar dela; e não gostar pode facilmente se transformar em ódio”(Darwin, 2009, p. 203).

As emoções tendem a nascer da mesma raiz afetiva, a raiva origina diversos sentimentos como a “Ira: fúria, revolta, ressentimento, raiva, exasperação, indignação, vexame, acrimônia, animosidade, aborrecimento, irritabilidade, hostilidade e, talvez no extremo, ódio e violência patológicos” (Goleman, 2012). A raiva nos incita a força para enfrentar os obstáculos. A descarga de adrenalina nos dá força para lutar ou fugir, fazendo com que o sangue circule mais rápido pelo corpo. “A fúria manifesta-se das mais variadas maneiras. O coração e a circulação sempre são atingidos; o rosto fica vermelho ou roxo, com as veias da testa e pescoço dilatados (Darwin, 2009, p. 204). Outros aspectos referentes às mudanças fisiológicas no indivíduo são que “Na raiva, o sangue flui para as mãos, facilitando sacar da arma ou golpear o inimigo, os batimentos cardíacos aceleram-se e uma onda de hormônios, a adrenalina, entre outros, gera uma pulsação, energia suficientemente forte para uma atuação vigorosa” (Goleman, 2012).

Assim como outros afetos, a raiva se evidencia nas expressões faciais. Esta também pode ser mascarada e controlada, pode-se conviver com a raiva e, por vezes, direcioná-la para se fazer algo produtivo. Contudo, a raiva pode ser mascarada por aqueles que conseguem controlar bem suas emoções. “Esse tipo de sentimento, se moderado, não se manifesta claramente por nenhum movimento do corpo ou do rosto, a não ser, talvez, por uma certa gravidade no comportamento, ou por algum mau humor” (Darwin, 2009,p.203). Diferente de outras emoções que se expressam principalmente por expressões faciais visíveis, a raiva pode ser contida.

Quanto aos hormônios presentes na expressão da raiva um primeiro ponto a ser entendido é a ação local da testosterona e o estradiol produzidos em pequenas quantidades nos centros subcorticais (amígdala e hipotálamo) e dependendo de como quais receptores estas interagem podem intensificar ou atenuar seus efeitos, outros hormônios associados a raiva são o cortisol e a serotonina onde em pessoas com níveis altos de testosterona e baixos de cortisol tendem há uma maior agressividade (Bratinos, 2012).

A raiva por si só é apenas um afeto e não é boa nem má, podendo servir como força motriz para realizar grandes feitos, como salvar vidas, ou para atos agressivos para com os demais. O ódio, por sua vez, é unicamente prejudicial tanto para aquele que o espalha quanto para aquele que o recebe.

A SOCIEDADE E O DISCURSO DE ÓDIO

O Brasil possui uma trajetória histórica marcada por violências estruturais e crimes de ódio contra grupos marginalizados. Desde o período colonial e escravocrata, passando por revoltas populares brutalmente reprimidas até os dias atuais, percebe-se uma recorrente desumanização do “outro”, justificada por ideologias de superioridade racial, religiosa, cultural ou sexual. O Brasil é um dos países do mundo com o maior número de crimes violentos, marcado por ideologias que transformam o outro em um indivíduo sem importância para os demais. Ao criar essa narrativa na qual o outro é “inferior” a nós próprios, há uma

desumanização do outro, o que permite que crimes de ódio sejam realizados, sem que os praticantes tenham, por vezes, consciência de seus erros ou até mesmo apoiadores para eles.

Quando avaliamos a história do Brasil, esta está marcada por crimes de ódio contra grupos que não seguem os padrões vigentes. Durante séculos, a escravidão vigorou sob o pretexto de que os negros eram inferiores aos brancos e, por isso, o segundo grupo criava que podia cometer atos de violência e de tortura contra o primeiro, a exemplo de castigos no tronco e outras formas de tortura. Na revolta de Canudos, cerca de 25 mil pessoas foram dizimadas por quatro expedições militares, não sobrevivendo a última com cinco mil soldados por irem contra os padrões da época, na qual um grupo de agricultores do nordeste seguiu um dito profeta e fundou um povoado denominado Canudos, o qual era um vilarejo governado por Antônio Conselheiro que tinha um pensamento que rivalizava com a ideia do império (Bergo, 2024).

Atualmente, podemos visualizar o ódio ainda em relação às pessoas negras, as quais são o grupo social que mais perece por crimes violentos no Brasil. Um ódio que está marcado na história brasileira, como já comentado no parágrafo anterior, visto pelas elites econômicas dominantes como inferiores por descenderem de escravos, os quais são uma das populações mais marcadas por crimes de ódio, sendo marginalizados, vivendo em sua grande maioria povos pobres que ocupam as favelas. “Enquanto 26,62% dos moradores de favelas são brancos (contra 43,5% na média geral do País), 56,81% são pardos e 16,13% são pretos” (Boletim da População Negra, 2025, p.5).

Outro grupo social que é vítima de crimes de ódio são os LGBTQ+, os quais são um dos grupos marginalizados que mais perecem no país, e que sofrem mais com discursos de ódio advindo principalmente de líderes religiosos e de políticos conservadores. De 2014 para 2023, houve um aumento de 1.110,99% no número total de casos de violência contra homossexuais e bissexuais (761 para 9.847) [...] a violência contra mulheres transsexuais aumentou 1.110,99%, passando de 291 casos para 3.524 casos ao final da série. Os casos de violência contra homens transsexuais aumentaram em 1.607,69%, crescimento ainda

maior do que no caso de mulheres trans. Por último, os casos de violência contra travestis foram de 27 para 659 nesse período, representando um aumento de 2.340,74% (Cerqueira, 2025, p.86-91).

A sociedade brasileira nos mostra que o discurso de ódio está enraizado em nosso imaginário, desumanizando e excluindo aqueles que vêm contra seus ideais, desde os escravizados até os LGBTQ+. Essa herança cultural continua a se reproduzir. Para romper esse ódio, é necessário fazer denúncias em caso de crimes e compreender que apenas quando identificarmos que esse ódio está entranhado em nosso imaginário sociocultural e nos dispusermos a mudá-lo.

ÓDIO NO AMBIENTE ESCOLAR

O ambiente escolar é o local onde os adolescentes e crianças experimentam e vivenciam boa parte de suas emoções durante esse período de sua vida, e, obviamente, a raiva e o ódio fazem parte dessas emoções. Na escola, vivenciam-se as primeiras experiências dos estudantes. É associado à fase da vida em que se encontram as suas relações sociais e biológicas se intensificam, com os primeiros contatos com a explosão hormonal da puberdade. Os estudantes, principalmente masculinos, tendem a apresentar tendências mais agressivas, como disposto abaixo.

O aumento do comportamento agressivo entre os adolescentes é um dos fenômenos que mais preocupam e angustiam os pais e todos que, de forma direta ou indireta, lidam ou se ocupam com os jovens. A agressividade entre eles pode se manifestar das mais diversas formas, desde pequenos conflitos verbais entre indivíduos e/ou grupos até brigas físicas e violentas geradas pelas razões mais fúteis possíveis. São visíveis os abusos e as arbitrariedades dos mais fortes em relação aos mais frágeis, por meio de intimidações psicológicas e físicas, humilhações públicas, comentários maldosos, difamações, intrigas e até as mais variadas formas de violência propriamente dita (Silva, 2015, p. 67).

Nos últimos anos, vêm ocorrendo nas escolas cada vez mais casos de bullying, os quais prejudicam os alunos para o resto de suas vidas. Este, por sua

vez, desestabiliza o ambiente educacional completamente, ao causar uma insegurança coletiva em toda a sala. De um lado, os *bullies* ou causadores do bullying, do outro, as vítimas deste, e ainda há um terceiro grupo que fica em silêncio por medo de ser a próxima vítima destes. Embora haja diversas formas de bullying, a mais comum é aquela em que o aluno é espancado e sofre, além das agressões físicas, as agressões emocionais. Estes, por sua vez, estão cada vez mais agressivos com seus colegas de escola, como podemos identificar abaixo. Hoje podemos definir de forma mais clara o bullying como uma conduta agressiva, intencional, cujo objetivo reside em anular, cancelar, denegrir as vítimas utilizando-se de agressões físicas, verbais e/ou virtuais. Diferente das atitudes pontuais, típicas de outras facetas da violência escolar, o bullying se caracteriza como recorrente, sempre num contexto em que vítima e agressor estão simetricamente desiguais nas relações interpessoais em que se inserem (Longo, 2022, p. 210).

Mas por que os *bullies* escolhem esses indivíduos como bodes expiatórios? Por muitas vezes, as vítimas apresentam características físicas ou comportamentais que vão de encontro com as suas visões ideológicas, ou há ainda o caso de ver naquele aluno uma liberdade emocional, sexual ou apresentar características que se diferem dos demais alunos. “As vítimas, geralmente, são escolhidas pelo abusador por apresentarem características díspares da maioria do grupo e, por isso, mostram-se alvos perfeitos ao agressor que busca, a partir da sua subsunção, firmar-se potente e superior” (Longo, 2022, p. 210).

Um fator importante é que parte considerável dos *bullies* reproduz na escola comportamentos vistos em casa por seus pais. É bastante comum que o ambiente familiar de um agressor difunda práticas preconceituosas àqueles que são diferentes da ideia hegemônica. “Observa-se que a propensão é de que o bullying incida sobre aqueles que apresentam marcadores identitários não hegemônicos, sejam físicos, étnicos, religiosos ou culturais [...]” (Longo, 2022, p. 210).

Além disso, é comum que os demais alunos se caleem perante as agressões, por vezes pelo medo de serem a próxima vítima, por vezes por uma necessidade de se encaixar nesse grupo dominante, o qual difunde esse tipo de práticas nocivas ao ambiente escolar como um todo. “A plateia, aqueles que assistem à cena e nada fazem, também humilham e, quando não, gozam ao projetar ali seu ódio inaceitável, se utilizam deste suposto diferente para garantirem seu lugar entre os iguais, entre os aceitos, como privilegiado” (Longo, 2022, p. 210).

Quando o bullying supera os limites da vítima, essa pode se tornar um agressor. Não é incomum notícias de atentados em escolas, onde os causadores muitas vezes eram vítimas de bullying. Por causar às suas vítimas fortes problemas psicológicos e, por vezes, as vítimas não têm poder aquisitivo para procurar tratamento psicológico e, por vezes, têm vergonha de procurá-lo por ainda haver um certo estigma social atrelado a isso. “A prática de bullying agrava o problema preexistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis” (Silva, 2015, p. 23). Os pacientes tendem a apresentar diversos sintomas físicos, entre os quais podemos destacar: cefaleia (dor de cabeça), cansaço crônico, insônia, dificuldades de concentração, náuseas (enjoo), diarreia, boca seca, palpitações, alergias, crise de asma, sudorese, tremores, sensação de nó na garganta, tonturas ou desmaios, calafrios, tensão muscular e formigamentos (Silva, 2015, p. 24).

Mediante esse cenário em que nos encontramos, ainda temos que lidar com novas formas de ódio (bullying), não apenas o físico, mas também o virtual, em que, por vezes, adolescentes são expostos tendo fotos e vídeos vazados, em situações humilhantes, ou ainda, com auxílio de Inteligências Artificiais (IA), criam-se imagens e vídeos comprometedores para difundir o ódio. Os avanços tecnológicos também influenciam esse fenômeno típico das interações humanas. Com isso, surgiram novas formas de bullying que se utilizam de aparelhos e equipamentos de comunicação (celular e internet), que conseguem

difundir, de maneira avassaladora, calúnias e maledicências. Essa forma de bullying é conhecida como cyberbullying e será descrita (Silva, 2015, p.23).

Associado ao que foi dito anteriormente, ainda há o ódio contra os professores e profissionais da educação que atualmente está cada vez mais difundido no Brasil, onde projetos como o Escola Sem Partido colocam os professores como inimigos públicos por mudarem a mentalidade dos alunos, como se estes fizessem uma lavagem cerebral nos alunos. No qual os pais desejam que os professores passem aos seus alunos valores religiosos de um grupo ideológico ao qual estes pertencem. Algo inviável no ambiente escolar, pois, independentemente da escola, em sua grande maioria, são tomadas por grupos étnicos plurais. Bem além disso, diversas sexualidades e de gênero. Esse projeto de lei visa cercear qualquer comportamento que fuja dos valores da elite política brasileira e sobre uma falsa moral ao criar com seus discursos um inimigo comum (seja negro, homossexual, nordestino ou professor), terceirizando a culpa de seus atos, para que assim se torne uma falsa vítima. Um exemplo disso é que, por muitas vezes, se associa a homossexualidade à pedofilia, embora haja bem mais escândalos onde supostos líderes religiosos são comprovadamente pedófilos e, por vezes, assumidos.

Esse ódio no ambiente escolar, tanto em relação aos profissionais da educação quanto em relação às minorias, dificulta e por vezes impossibilita o processo educacional não apenas para o autor, quanto para os demais indivíduos. E como mudar essa perspectiva? Um dos pontos marcantes para se mudar essa realidade é o ensino de uma educação voltada para a compreensão dos próprios sentimentos, e também a compreensão da causa de tal comportamento por meio dos autores dessa violência. Se o professor é o inimigo e agora precisamos trancar nossas crianças dentro da escola com ele, será necessário monitorar o que lá fazem, continuar propagando o medo e a ameaça sobre o que ensinam, até que a figura do professor seja reduzida de vez a uma insignificância que ninguém mais a ouça, mesmo estando ali (Daltoé & oliveira 2025, p. 108).

Ao colocar o professor como um vilão em uma narrativa política, a sociedade incorre num erro gravíssimo, impedindo os alunos de confrontar diferentes realidades à sua e, por consequência, impedindo-os de criar concepções éticas e morais próprias. Esse ódio contra a educação no Brasil e no mundo vem por um único e simples fato: aqueles que conseguem refletir sobre seus atos e a situação política de sua época sempre são vistos como subversores. Ao recordarmos Sócrates, que ao ir contra a ideologia vigente foi convidado a beber cicuta, ou no nazismo, onde livros foram queimados em espetáculos públicos de ódio contra a erudição. Como podemos ver no trecho abaixo:

O discurso de ódio endereçado às escolas e aos professores não está preocupado com a inocência e com a segurança de nossas crianças. Nas providências para “proteger” a escola, seja por meio de muros, seja por meio da desconfiança dirigida ao professor, um projeto neoliberal de educação e de sociedade vai se efetivando e produzindo sujeitos amedrontados, sujeitos doentes que um dia voltam armados (Daltoé & oliveira 2025, p. 112).

Ao cercear o conhecimento e a crítica a este, é mais fácil controlar as massas, pois o conhecimento é perigoso para aqueles que desejam governar embasados no ódio e no medo. Afinal, quando a população de um país entende sua importância política e econômica, os tiranos saem do poder de maneira a ser lembrados pela história, e esta nunca foi agradável com os perdedores. O ódio no ambiente escolar tende a deturpar o dever da educação, que é garantir que os estudantes sejam seres sociáveis e funcionais para que assim possam contribuir integralmente com a sociedade. A difusão desse ódio no ambiente escolar prejudica esse processo e obriga os profissionais da educação a reverem e elaborarem novas formas de como lidar e ensinar esses estudantes.

A ESCOLA COMO TRANSFORMADORA DE CONCEPÇÕES E REALIDADES

A escola é o local de moldar seres e, quando nos confrontamos com discursos de ódio contra colegas ou professores, não podemos apenas punir os

autores, precisamos analisar caso a caso cada agressão para que assim possamos descobrir o que está por trás dessa forma de pensar e, a partir daí, pensar em uma forma de se combater esse ódio.

Atualmente, na comunidade acadêmica e não apenas nesta, mas em diversas outras, há um modismo de se procurar modelos prontos, estruturas fixas de se educar, quase como se vendendo um elixir que resolverá todos os seus problemas. Quando falo disso, me refiro àqueles profissionais que se respaldam em toda sua trajetória em metodologias ativas ou em um tipo de aula mais tradicional ou diversas outras estruturas de aula. Mas e aí, quando surgem nas salas de aula os grandes embates cognitivos, como esse profissional irá resolvê-los? Embates como suicídio, sexualidade, depressão, fomo ou até mesmo o ódio em suas mais diversas formas.

O problema do ódio, seja expresso como bullying, xenofobia ou homofobia em sala de aula, só será resolvido quando se encontrar a raiz desse ódio, daí a importância do psicólogo nos ambientes educacionais, e ao encontrar a raiz desse ódio, criar para cada caso um plano de ação distinto, mesmo que levando em conta outros trabalhos já aplicados, mas que seja único, assim como cada indivíduo presente nessa situação. Antes de tudo, é fundamental compreendermos que toda ação educativa é sempre complexa e exige que atentemos para vários fatores. Sendo assim, ela não é influenciada somente pelos comportamentos individuais de quem a exerce, em especial, os pais e os professores, os aspectos culturais e sociais também atuam profundamente no processo educativo e sobre a base biopsicológica de cada indivíduo (Silva, 2015, p. 57).

Além disso, como qualquer profissional da saúde sabe, é mais eficaz prevenir doenças do que remediá-las, e é bem mais barato, requer menos esforço e o resultado é bem mais eficaz. Então, quando lidamos com o ódio em sala de aula, ainda é eficaz o uso de palestras, oficinas e espaços para se compartilhar pensamentos que fujam ao previsível, a essa forma de agir comum a todos. O ambiente escolar é marcado pela interação entre singularidades, tais dificuldades com estudo, reflexão e planejamento coletivo sistematizado.

Sobretudo, em tempos de ameaças contínuas e de violências contra a escola pública, faz-se necessário somar a organização e a elevação da consciência mediada por instrumentos teórico-práticos como aparato para luta por uma nova concepção de mundo humanista, crítica e revolucionária (Frois & Oliveira, 2025, p. 240)

Um primeiro ponto a ser entendido é por que o ódio afeta tanto o ambiente escolar. Bachelard (1996) nos traz a ideia de desafio epistemológico, o qual é, em sua natureza, um obstáculo ao processo de aprendizado. Wanderley; Lima & Sousa (2023) trazem outro afeto com obstáculo epistemológico, a tristeza, que recluso o indivíduo convidando-o a contemplar suas singularidades e ressignificar suas ações. Para se combater a raiz do ódio, é preciso se pensar em uma educação que trabalhe o estado emocional dos alunos, a qual traga a estes a compreensão de seus atos e os faça repensar suas ações e redefini-las, como citado abaixo. Quando se trabalha uma educação, mais especificamente a educação emocional, podemos criar indivíduos preparados para enfrentar situações distintas, mesmo que estes se abalem, não deixando que a situação os pare ou estagne suas vidas, trabalhos e/ou aprendizados. Para que tudo isso aconteça, é necessária uma nova forma de se pensar a educação em si, trazendo-a de forma mais reflexiva, quando possível (Wanderley; Lima & Sousa, 2023).

São necessários programas e práticas que auxiliem ambos os alunos, tanto as vítimas quanto os agressores. Para as vítimas, o tratamento psicológico e assistência escolar adequados, bem como para os agressores, que também se faz necessário compreender sua forma de pensar e agir. O que possibilitará pensar uma forma de tratar esse bullying, seja com o auxílio da família em parceria com a escola, seja apenas a escola em casos em que a família não participa. Punições como expulsão podem ajudar momentaneamente as vítimas, mas também condenar os autores. Não que estas não mereçam uma punição, contudo, punir sem que o punido compreenda o porquê desta punição é contraproducente, pois o autor não irá entender e tampouco modificar seus atos. O trabalho educativo se estrutura e se organiza, ele pode reproduzir a lógica

alienada [...] potencializar um trabalho crítico, aproveitando as brechas criadas e/ou identificadas no âmbito escolar (Frois e Oliveira, 2025).

Cabe lembrar que, para que o discurso de ódio acabe tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em geral, é necessário não apenas a punição, mas também compreender a necessidade da convivência com as diferenças tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em geral. O principal dever da escola é enfrentar os discursos de ódio de forma reflexiva e contextualizada, atuando na desconstrução de preconceitos e na construção de uma sociedade pautada em respeito e empatia.

CONCLUSÃO

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu compreender que o ódio no ambiente escolar, manifestado por meio de bullying, discriminação e deslegitimação docente, constitui um obstáculo significativo ao processo de aprendizagem, pois gera medo, exclusão e insegurança, comprometendo o desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes. Constatou-se que a raiva, enquanto afeto fisiológico, pode transformar-se em ódio quando alimentada por contextos sociais desumanizadores e por uma herança histórica de violência estrutural presente na sociedade brasileira. Diante disso, evidenciou-se que o enfrentamento desse fenômeno exige uma prática educativa transformadora que vá além da punição, fundamentada na educação emocional, na mediação de conflitos, no apoio psicológico e na criação de espaços dialógicos que valorizem a diversidade. Conclui-se que a escola, ao assumir seu papel como espaço de formação crítica e ética, pode atuar na desconstrução dos discursos de ódio e na promoção de uma cultura de respeito, empatia e cidadania, contribuindo para a construção de uma sociedade mais democrática, justa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. de O. Feridas abertas: Narcisismo das pequenas diferenças, repetição e memória. *Psicanálise & Barroco em Revista*, v. 18, n. 1, p. 114–131, 2020. DOI: <https://doi.org/10.9789/1679-9887.2020.v18i1.114-131>. Disponível

em: <https://doi.org/10.9789/1679-9887.2020.v18i1.114-131>. Acesso em: 4 jul. 2026.

BACHELARD, G. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BATRINOS, M. L. Testosterone and aggressive behavior in man. *International Journal of Endocrinology and Metabolism*, v. 10, n. 3, p. 563, 2012.

BERGO, M. T. B. A Campanha de Canudos. *Revista do IGHMB*, v. 83, n. 112, p. 62-92, 2024.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Mais de 5,2 mil violações de racismo e injúria racial foram registradas pelo Disque 100 em 2024. Brasília: MDH, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/novembro/mais-de-5-2-mil-violacoes-de-racismo-e-injuria-racial-foram-registradas-pelo-disque-100-em-2024>. Acesso em: 4 jul. 2026.

CERQUEIRA, D. et al. Atlas da Violência 2025. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea); Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 2025.

DALTOÉ, A. S.; OLIVEIRA, L. C. Entre muros e ódio, a escola. *Poiésis*, v. 19, n. 35, p. 101-113, 2025.

DAMÁSIO, A. R. O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano. São Paulo: Fórum da Ciência, 2000.

DARWIN, C. A expressão das emoções no homem e nos animais. Tradução: L. S. L. Garcia. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (Obra original publicada em 1859).

ESPERIDIÃO-ANTONIO, V. et al. Neurobiologia das emoções. Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo), v. 35, n. 2, p. 55-65, 2008.

FROIS, I. D. O.; OLIVEIRA, G. N. Combatendo o discurso de ódio e a violência contra a escola: um relato de experiência do planejamento pedagógico coletivo. Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais, v. 14, n. 1, p. 225-243, 2025.

GOLEMAN, D. Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Tradução: M. Santarrita. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. (Obra original publicada em 1995).

LONGO, M. A projeção do ódio ao diferente na escola. Cadernos de Psicanálise – CPRJ, v. 44, n. 47, p. 207–219, 2022.

SILVA, A. B. B. Bullying: Mentres perigosas nas escolas. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2015.

WANDERLEY, A. S.; LIMA, J. R.; SOUSA, J. M. A relação entre tristeza e conhecimento. Revista Tempos e Espaços em Educação, v. 16, n. 35, artigo e19197, 2023. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v16i35.19197>. Disponível em: <https://doi.org/10.20952/revtee.v16i35.19197>. Acesso em: 4 jul. 2026.